



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



AO LEO DO
SONHO E A
MERCE DA
VIDA

VERSOS
MARIO PEDERNEIRAS
MCMXII

AO LÉO DO SONHO
E
À MERCÊ DA VIDA

Para as insurreições
do quotidiano
Sr. J. Maranhão Fe

4
112/14

Mario Pederneiras

VERSOS
DE
MARIO PEDERNEIRAS

—
1912

IN MEMORIAM

DE GONZAGA DUQUE

(Palavras a Lima Campos)

Aqui chora
A Saudade....

Esta pagina é triste,
Dessa tristeza honesta
Que ao decurso do Tempo implacavel resiste
E só se rememora
Na solidão modesta,
Na calma solidão da nossa intimidade.

Nessa trindade irmã
Que formámos na Vida
Para a rude escalada á mansão da Chimera,
Era
Delle que vinha
O estímulo eficaz para o esforço da lida,
Se, ás vezes, um de nós o seu passo detinha
No ingloria caminhar dessa róta malsã.

Elle era, de nós tres, o mais velho de idade
E se tinha, talvez,
O aspecto de quem acha a Vida um deserto,
Entretanto, em vigor de trabalho e vontade,
Elle era, decerto,
O mais moço dos tres.

E agora em que nós dois as forças se refazem
Para seguir de novo o mesmo rumo antigo,
Na mesma estrada alpestre,
É que vamos sentir a falta que nos fazem
O seu immenso Coração de Amigo
E o seu formoso Espirito de Mestre.

E se eterna, oppressiva,
Em nossos corações desolados, perdura
A tristeza immortal que a sua ausencia encobre,
Que tambem para nós, eternamente, viva,
Na intima sagração elevada de um Culto,
A memoria estellar dessa doce Creatura
Que tanto nos amou e nós tanto choramos.

E que eternas, porfim, pela Vida, vejamos
Pairando sobre nós, tal como paira sobre
A modestia do chão, leve sombra de um Templo,
A Saudade immortal do seu amado Vulto
E a perpetua Visão do seu austero Exemplo.

Para a Saudade immortal

de Gonzaga Duque

E

Para a amizade solida e leal

de Lima Campos

A CAMINHO

Oh! Musa! Vem dahi
E vamos encetar mais esta romaria...
Eu preciso de Ti
E da honra da tua companhia.

Sem Ti a andar não me encorajo,
Sinto-me só e o passo me é pesado ;
Mas tendo-me a teu lado,
Como eu me sinto bem quando viajo.

Não sei mesmo
Onde iremos ainda,
Nem qual será o rumo da jornada,
Algum trecho, talvez, de estrada linda,
Algum trecho, talvez, de rude estrada.

Sei só que iremos... por ahi... a êsmo.

Ha muito tempo que não viajamos
Atraz de uma illusão, em busca de um destino ;
Renovemos, portanto, a emoção esquecida,
Alegremos, portanto o espirito bisonho...

E vamos,
Sem rumo e sem destino,
Ao léo do Sonho
E á mercê da Vida.

QUEIXAS DA VIDA

Por esta noite placida de Junho,
De paisagem limpida e brunida
Do oleo que a Lua cheia do alto vasa,
Sosinho em casa,
Penso na Vida
E estes Versos insipidos rascunho.

Sinto-me bem aqui, na rebeldia
De livros uteis e papeis dispersos
Que em tropelia,
Na minha meza de trabalho rolam.
A noite vae passando
Entre sombras exparsas que a desolam....
E eu me deixo ficar fazendo versos
E philosophando.

E enquanto o Luar paciente e farto
Pelo chão do quarto,
Tece arabescos de um feitio bizarro,
Accendo á véla a ponta do cigarro
E a Alma disponho
Para a funcção sentimental do Sonho.

Lá fóra
A sombra cresce
E o Largo dorme em plena calma.
Como o Luar é triste e como me parece
Que á luz da Lua tudo se descora,
Da sombra vegetal ás Illusões e á Alma....

Mas.... Como estou mudado,
Como tão bem me ageito
A este curso normal e socegado
Desta pacata vida de homem feito.

Fosse no tempo do viver a esmo,
Do bohemio sabor de gosos e de festas,
De que a idade moça nos abraza,
E não vê mesmo
Que eu ficava em casa
Com uma noite destas?

Com sugestões românticas de Lua
E suavidades invernaes de aragem,
Ficar em casa? Quando?
Já estava, ha muito, com sabor gosando
A vadiagem
Salutar da Rua.

Como estou mudado...
Como tão bem me ageito
A este curso normal e socegado
Desta pacata vida de homem feito.

Melhor me sinto agora,
No rumo novo em que me vae a Vida,
Calma, serena, placida, esquecida
Do que vae lá fóra.

Eu já não tenho grandes ambições,
Pois o breve passar da mocidade
Se encarrega, por fim, de reduzil-as
Às justas proporções....
Tenho-as, naturalmente, mas tranquillias,
Proprias da minha idade.

São outros e diversos
Os aspectos e as scenas
Que o Espirito detalha e o Coração aviva;

E todas ellas vêm da mesma fonte, apenas
Do carinho dos Meus e dos meus Versos.

Hoje ao sabor de um outro enlevo
E de outro bem com que minh'Alma lida,
Fico em casa - escrevo
E me queixo da Vida.

Queixas da Vida! Uma Illusão que tomba!
Um sonho que se esvae ao mais simples estorvo!
Um grasno agro de corvo
Onde devia haver um arrulho de pomba!

Um castello exquissado
Às caladas da noite em plena Phantasia,
E que lá vem um dia,
Antes de terminado,
Ou mal a sua construção acaba,
Sem se esperar, desaba.

Mesmo a propria Saudade,
Que é, talvez, a mais linda verdade
Que esta Vida encerra;
O proprio Céu azul, o proprio mal da Terra,
O pesado labor honesto e rudo,
A ventura que rapida nos deixa,
O fim de um goso que tão bem nos sabe,
Tudo,
Tudo cabe
Na formula romantica da queixa.

A Fé, o Amor, o Bem,
Tudo que a Vida encanta e o Riso nos melhora
E que lá vae no complicado enxurro
Do egoismo de agora...

Queixas da Vida ! Quem as não têm ?
Só o burguez e o burro...

Demais... Qual o Poeta
Que se não queixa da Vida ?

NA TORRE DO VERSO

Quando,
Na luta pela Vida,
Mais penoso se torna o esforço da investida
Para o bem da conquista,
E minh'Alma illudida,
Alma ingenua de Artista,
Que o Desengano immundo
E as Illusões consomem,
Anda um pouco de paz lenitiva buscando
Para fugir do convívio do Mundo
E do Homem ;

Quando fatal a prepotencia embarga
De um surto mais ousado
A distenção mais larga,
E chumbado
Nos deixa
Á dura causa amarga
Da mesma queixa ;

Quando, para da Vida o cançativo assedio,
Como extrema defeza e ultimo remedio,
De um bando de Illusões me acompanho e me escolto,
E do meio da estrada, em desanimo, volto
Sem um passo de avanço,
Todo cheio de pó e cheio de canção ;

É ali que eu descanço
O meu tédio
E o meu passo.

É como se eu sahisse
Dos rigores do Sol de raios causticantes
Para a calma da sombra bemfazeja ;

Ou que depois de ouvir metallicos, vibrantes,
Os clangores marciaes dos hymnos excitantes,
A seguir ouvisse
A cadencia christã de um cantico de Igreja.

Esta elevada Torre independente,
Que é minha só, minha somente,
Levantei-a um dia,
Com todo o esforço audaz de que disponho
Lá para o extremo do Paiz do Sonho,
Num recanto da minha Phantasia.

Na sua honesta rigidez de ferro
É que eu encerro,
Numa vida sympathica de Monge,
Ou simples Sonhador de um Sonho vagabundo,
A minha vida de poeta e moço...
Fica da Terra tão distante e longe,
Que lá de dentro, muita vez, nem ouço,
O estrepito brutal das Invejas do Mundo.

E se a Alma não supporta
Do bramir das paixões o pesado barulho
E eu volto maldizendo a Paz, os Homens, tudo,
Para livre subir á Torre desejada,
Antes de entrar, sacudo
O pó da Estrada
E tiro á porta
O apparatuso arnez do meu orgulho.

Não na fiz de marfim
Nem d'ouro caro e caras pedrarias,
Á sabida feição de exageros de estheta ;
Não na fiz assim...
Prefiro-a simples como a Phantasia
Da minh'Alma de Simples e de Poeta.

Não na fiz por vaidade,
Nem lhe emprestei qualquer aspecto
Que de extranho e bizarro attrae e assombra ;
Dei-lhe o feitio de um tecto
Na meia sombra
Da Simplicidade.

É bem possível que ella não reuna
Attractivo que encante o olhar alheio,
Nem disto faço praça nem alardo ;
Tanto mais quanto é todo o meu receio
Que espiritos perversos,
Espalhem que é ali que eu guardo
A minha collossal e solida fortuna
— Um thesouro de Rimas e de Versos —

Demais é ella que me isola
Do rastejo vulgar de toda a gente...
E enquanto o Mundo róla
No pó das ambições de que se nutre e céva
E os sentimentos nobres abdica,
Na sua extranha calma
É que minh'Alma
Se eleva
E purifica.

Nem um leve rumor da agitação da Turba,
Em rude sobresalto,
O seu nobre silencio altaneiro perturba...
É alta como ella está, no seu feitio sizudo,
O Peccado, o Terror, os Vicios, o Desejo
E os Males que consomem
O mundo, o proprio Mundo, o proprio homem,
Tudo,
Eu vejo
Do alto.

Nas minhas simples ambições modestas,
Quanta vez, se um sonho se dilúe,
Ou se passa uma agrura,
Eu considero,
No meu intimo simples e sincero,
Como é feliz a humilde creatura,
De viver tristonho,
Que por unico bem de Gloria e Sonho
Possue
A desventura de uma Torre destas !

Esta elevada Torre independente,
Que é minha só, minha somente,
Levantei-a um dia,
Com todo o esforço audaz de que disponho,
Lá para o extremo do Paiz do Sonho,
Num recanto da minha Phantasia.

CAMINHOS DA VIDA

Sonhei que a Vida tinha dois caminhos,
Ambos seguindo para o mesmo termo,
Termo final do passo humano;
Um — fácil, regular, direito e plano,
Outro — cheio de curvas e de espinhos,
Ingreme, rude, cançativo e êrmo.

Por um andava a gente
De riso fácil, sem canção e lida,
Que não teme que a sombra se condense,
Que, facilmente,
Vence
E que não sabe quanto custa a Vida.

Gente de poucas Illusões e Sonho,
Que segue o rumo da vulgaridade,
Que, embora insipido, enfadonho,
Não tem jamais o mínimo embaraço ;
Gente que, no mesmo passo,
Atravessa a velhice e a mocidade,
Sem que, uma vez, ao menos se rébelle.
Ou de algum feito de valor se gabe ;
Gente que sabe
Que seu Destino ha de ser sempre aquelle.

Fiquei a olhar esse Caminho feito,
Que placido e direito,
O proprio passo ajuda e facilita,
E onde uma enorme multidão se agita
No mesmo desatino,
Na mesma faina mansa,
Com a mesma Esperança
E o mesmo Destino.

E vi que aquella Estrada clara,
Chega a seu termo e pára.

Os que a vêm percorrendo
A passo lento
Ou o passo acelerando,
Vão ali chegando
E desaparecendo
No Esquecimento.

Depois, da Vida no vulgar roteiro,
Duro e ronçeiro,
Nada a passagem do seu passo indica...
Tudo o que fez e foi, breve se esquece,
Tudo com elle, emfim, desaparece
Na ultima jazida.

E muita vez nem a Saudade fica
E ninguem sabe o que elle foi na Vida.

Depois fiquei a olhar para este outro Caminho,
Ingreme, rude, todo espinho,
Que raros palmilhavam...
E com que custo, coitados, avançavam.

Por elle andava a Gente
Que por um certo ideal se bate e lida,
Que evita que a sombra se condense,
Que difficilmente
Vence,
E que bem sabe quanto custa a Vida.

Que foge da vulgaridade
Ao depressivo traço,
E que cheia de Amor e de Bondade,
Como se só o Sonho amasse e ouvisse,
Os impecilhos do caminho affasta ;

E que gasta a Velhice
E a Mocidade gasta
No extremo avanço de um pequeno passo.

Mas.... Rude que seja a Estrada
E de conforto seja a Vida parca,
Segue por ella, sem clamor ou queixa.
E de toda a passada
Indelevel deixa
A indelevel marca.

Fiquei a olhar esse Caminho estreito,
Curvo, difficil e mal feito,
Cujo embaraço se destaca e avulta
E o proprio passo prende e difficulta.

E vi que aquella Estrada rara,
Chega ao termo e não pára....

Que para além daquelle extranho corso
Ha qualquer cousa ainda
Do difficil roteiro
Do pobre caminheiro...
E que se é lá que finda o rude e humano esforço,
Não é lá que a missão do seu esforço finda.

Que para além daquelle escarpa crúa
Como que a Vida ainda continúa.

Se a Terra o Corpo vão consome,
Nunca o Espirito desmembra,
Tudo a passagem do seu passo indica
E della sempre qualquer cousa fica
Na memoria dos homens esculpida...
Qualquer cousa
Que vence a paz em que o pobre repousa,

Que lhe decóra o Verso e lhe repete o Nome
É eternamente lembra
O que elle foi na Vida.

CAMINHO ERRADO

Eu preferia ter nascido
Um pesado burguez redondo e manso,
Alimentado e rude ;
Desses que vivem a vender saude,
Cuja vida incolor e sem sentido,
É um commodo vale de descanso.

Dos que da farta mésse dos acervos
Sentimentaes, que lhes parecem futeis,
E o goso de viver tornam lerdo, enfadonho,
Supprimem logo, por banaes e inuteis,
O Sonho,
O Coração e os Nervos.

E assim vasio,
Só com o bem estar e o asco
Dos outros bens, que o ouro lhes trouxe,
Vão por largos e placidos desvios,
Seguindo a Vida, qual se a Vida fosse
A secular Estrada de Damasco.

Sem perceber, nem distinguir aspectos
De Luz, de Cor, que só parecem curvos
A seus olhos parados ;
Que vivem como bemaventurados
É que se são internamente curvos,
Nunca deixam de ser externamente rectos

Felizes os que assim nasceram
E que da Vida a perigosa aléa,
Percorrem toda sem um desaponto...
Viver assim... Sem Deus e sem Idéa,
Ou ter um Deus que receberam prompto
E Idéas que os outros conceberam.

A esses não estórva o passo
A almejada razão de uma alegria...
Não distinguem a Cor do Sol e do Mormaço.
E o Dia... é sempre o mesmo Dia.

Ir pela Vida como
Por estradas de malvas e de murtas,
Sem ambições e assomo...
Achar a Vida eternamente affavel
E viver... só por viver.

Ah ! quem me dera ter
A Alma impermeavel
De um pesado burguez de Idéas curtas !

Era na Primavera...
Macia aragem rápida do Sul
Frisava as nuvens do Azul.

Ê ficava lá em cima o pouso da Chimera.

Pégo o bordão de caminheiro
E vou subir a escarpa...
Envergo a tunica e aperto a charpa.

O Destino que marque o meu roteiro...

É um caminho triste
De feitio e de aspecto ;
Nem uma sombra existe,
Não existe, siquer, o consolo de um tecto.

Ingreme, raso,
Sem expressões de vida e de uberdade,
Lembra uma estrada
Alpestre e descampada,

Que dêsse para o Ocaso
E que levasse rumo da Saudade.

Não seduz nem convida o passo estreito,
Rápido e falso,
Dos falsos ricos e dos falsos nobres...
Parece antes um caminho feito
Para o pé descalço
De humildes e de pobres.

Para este rude atalho descalvado,
É que o Destino me conduz e impélle
E a subil-o me intima ;
Pois irei por elle,
Sem guia e cirineus,
E embora sangrando e fatigado,
— Mercê de Deus —
Hei de chegar lá em cima.

E para que coragem
Á Alma não falte e ella se arroje,
Intrepida e audaz,
Levo provido o alforge
De uma razão de Sonhos e de Ideaes.

Tento a subida
Sem um sobresalto...
E d'alma irreflectida,
Cheio de orgulho immenso,
Commigo penso,
Olhando o alto ;
— Chego lá em cima e venço —

Eu tinha então, vinte dois annos,
Vigorosos, alegres, soberanos,

E um'Alma
Ingenua, calma
E cheia de simplicidade..

Como todas as Almas nessa Idade.

Certo, seria
Facil e rapida a jornada,
Embora a feição rude, escarpada
Da penedia.

Para vencer as curvas e o rigor
E ao passo dar firmezas e efficacia,
Eu pensava
Que apenas precisava
De um pouco de valor
E certa dóse regular de audacia.

Demais, valia o esforço
E a propria Magua intensa
Que o canção exprima,
O esbatido escorço
Que percebia, de uma Gloria immensa,
A immensa Gloria de subir lá em cima.

Subi... E a Vida foi passando...
Ouvi da Magua dobres e gemidos
E pouco os alaridos
Que a Alegria,
De vez emquando,
Sobre o meu passo tremulo gemia.

Entre Esperanças e Illusões sinceras,
Atravessei diversas Primavéras,
Sob a luz bizarra
Do flavo Sol que Flora estouca.

Subi, de riso á bocca
E trovas na Guitarra.

Fixa no alto a vista,
Longe do humano e insipido barulho,
Feito de Inveja é feito de Maldade,
Tentei, levado pelo meu Orgulho,
Aquella intrepida Conquista...

E assim deixei passar a minha Mocidade.

Comecei a sentir-me incapaz e sosinho,
Mais vagaroso o passo e a Alma já com Somno
Veio, por fim, o Outomno...

E, nem siquer, estava em meio do Caminho.

Era
Para o meu Sonho audaz,
Ingreme de mais
A escarpa que levava ao Pouso da Chimera.

Volto... Já sem o passo lésto
Com que tentára o escalo da ladeira,
Trazendo apenas da jornada inteira,
De tão duras provas,
Tão intimo receio,
E tanto esforço vão,
Um recanto feliz, um pão modesto
E o meu velho surrão
Ainda cheio
De Rimas e de Trovas.

E nesta triste narração sentida
De rimas simples, irriquiétas,
Resumem-se — A Vida
E a Lenda de todos os Poetas.

Por isso, às vezes,
Graves e solidos burguezes,
Que andaes somente por estradas largas !
Nas minhas horas intimas e amargas,
Eu vos invejo a Alma irreflectida
E a pratica Visão dos outros e da Vida,

E assim, nenhum de vós, naturalmente, espera
Um dia conquistar o pouso da Chimera.

Fosse-me a Vida pratica e vasia,
Como a que vos encanta e espera,
E eu nunca tentaria
A escalada brutal do pouso da Chimera.

E de novo aqui estou, no sopé da montanha,
De Alma já quasi velha e o passo mais cançado,
Depois dessa jornada inutil e tamanha.

Não maldigo, entretanto, o Destino culpado
Que, ingenuo, me ensinou este Caminho Errado.

A RUA

Sentia n'alma a rija púa
Penetrante e fria
Da Melancholia...
O Sol era de braza
E em tudo o tom festeiro
Deste festivo mez de Fevereiro.

E se eu sahisse de casa
E fosse para a Rua ?

Para a Alma atormentada
Por incommoda críse neurasthenica,
Ou que de Magua se entristece e empana,
A Rua
Com toda a sua
Desabalada
Agitação urbana,
Tem, muita vez, uma funcção hygienica.

Ar livre, Céu azul, vivos matizes
De Serras, de Aguas
E Vegetação
Muitas vezes são
Seguro lenitivo
Para um estado d'Alma incommodo, oppressivo,
De Maguas
E de Crises.

No seu rude labor pesado e vario,
A Rua, raramente é triste,
Pois a tristeza, é certo, não resiste
A natural, insolita algazarra
Do seu constante movimento diario.
Demais,

Se qualquer pena da alegria a affasta,
Para alegral-a, novamente, basta
O remedio eficaz
De uma dóse de Sol e um pouco de Cigarra.
Lá fóra,
Cantava a mocidade
Heraldica de um Céu em campo azul e ao centro
O fidalgo braço de um Sol em braza...
Cá dentro,
Naquella hora,
A sombra familiar de uma velha Saudade
Abafava ainda mais o socego da casa.

Sahi sem rumo e sem destino,
Deixando-me levar ao acaso do passo,
Sob o Sol a pino
E num vagar madraço.

A Rua ria franca sob a jalde
Esplendida explosão de todo aquelle brilho,
E o meu velho arrabalde,
Tão calmo sempre e tão ronceiro,
Vestia a pompa e o bom humor casquilho
Desse festivo mez de Fevereiro.

A Rua tem vida e Alma,
Vibra comnosco quando nós vibramos,
E é calma
Quando a calma da Rua procuramos.

Eu considero a Rua
O melhor livro de Philosophia...
Na sua Vida que palpita e actúa,
Ha todo um methodo de ensinamento,
Desde o que préga risos e alegria,
Ao que doutrina magua e soffrimento.

É nella que se iguala o rumo demarcado
Do homem feliz, sincero ou falso,
E do grave senhor solemne e douto,
Ao indeciso rumo aventurado
Do modesto infeliz de pé descalço

E de sapato rôto.

Ella é que nos ensina
A avaliar a graça feminina,
Pois, numa pauta justa de igualdade,
Em que ninguém, talvez, a exceda,
Tanto consagra uma mulher bonita,
Numa faustosa exhibição de seda,
Como na simplicidade
De uma blusa de chita.

É ella que acarinha e que consóla,
Numa mesma funcção aventureosa,
A vida desenvólta do que gosa
E penosa vergonha do que esmóla.

Para o canção,
Que annulla e desconforta,
Do que na Vida, em vão, luta e moureja,
Ella tem sempre o pequenino espaço
Da soleira da porta
Ou do degráo da Igreja.

Na Rua o Sol tem mais seiva, mais cor,
Mais amplo se derrama...
Nella é que nasce o Amor,
Ella é que faz a fama.

Quando aguçada a púa
De um intimo pezar nos fere, em troco
De um rapido momento almo e feliz,

Quanta vez se diz :
— Vou distrahir-me um pouco —
E se vae para a Rua...

Quando ella sente e fica
Sensível a vibrar da emoção que extravasa
De um movimento popular que a enleva
E essa alegria sã nos communica,
Quanta vez se leva
A alegria da Rua para casa...

Demais a Rua é carinhosa e bôa
E esta bondade natural consiste,
Principalmente, na ideal certeza
De que ella, embora soffra e de pezar se agite,
Nunca nos transmite
A pesada feição dessa tristeza.

Ninguem é triste, á tôa,
Só porque móra numa Rua triste.

A Rua tambem é sincera e honesta...
Ninguem lhe muda os geitos nem os modos...
Se, por acaso, ella se alegra em festa,
A festa é para todos.

E nella, finalmente,
No seu intenso e insolito alvoroço,
É que se fórma e cria,
Num ambiente de predestinado,
A Alma integral e simples do Garôto,
— Este pedaço vivo de Alegria
Encarcerado
Num pequenino involucro de gente —

Quando elle apparece,
De riso á bocca e de ironia em brasa,

Ridículo não ha que não destrúa,
Desde que venha para a luz da Rua...
E a Rua elle conhece,
Talvez, melhor do que conhece a Casa.

Qualquer cousa que inquiéte.
De goso ou luto,
Da Rua a vida calma e regular,
Logo se reflecte
No seu riso feliz, no seu olhar
Arguto...

É de evidencia singular o factio
De que na evolução esthetica da vida
De uma grande Cidade,
Culta e preferida,
Em que o progresso em tudo se revele,
Dois elementos dão-lhe o traço exacto
De prosperidade :
— A Rua e Elle —

O Garôto é pobre,
Nada tem de seu,
Senão o Céu que a Terra encobre
E a Vida que Deus lhe deu.

Mas para o luxo de um viver bizarro,
De liberdades francas e vadio,
Luxo que aos outros sobreleva e excede,
Só deseja e pede,
A ponta de um cigarro
E sóno direito do assovio.

E assim armado para a lida,
Que aos outros tanto cança e amarga,
Bolso vasio e coração á larga,
Vae pela Rua e pela Vida.

Pobre, sem ambição,
Recorre, muita vez, á alheia sôpa...
Nunca teve completo, um terno só de roupa,
Nunca teve tambem mais de um par de sapatos,
Entretanto, tem d'oiro o Riso e o Coração
E é livre senhor de todos os seus actos.

Tem orgulho e tem fé.
Todo elle é humor, carinhos e nobreza...
Não teme os ricos, nem inveja os nobres
E não disfarça os males da pobreza...
Por isso, é que elle é
O mais feliz dos pobres.

O Garôto tem sempre uma alegria nova,
Que cunha e plasma a sua vida empyria,
Seja na phrase popular da gyria,
Seja no tom sentimental da trova.

Su'Alma de creança,
Feliz, serena e mansa,
Eterna em viço,
Toda um conjuncto de alegrias raras,
A luz nunca receia...
Só vive ao Sol e ás claras,
E foge dos locaes onde o crime se acoite
E a escuridão coleia ;
Por isso,
De raro em raro, é que elle sae á noite..

Para elle o riso não tem fim,
Nem o caminho curvas e barranco...
Encontre pouso ou viva a esmo,
É sempre o mesmo.
Leal, solido e franco...

E foi a Rua quem o fez assim.

NEVOAS DE INVERNO

Mas, afinal, não passa esta neblina,
Impertinente e fina,
Que escurece do dia o azul dilecto,
Que acabrunha o vigor da natureza
É empresta á alacridade
Desta linda Cidade,
O aspecto
Passivo e mercantil de uma Cidade inglesa?

Vivo cheio de «spleen»,
Sem essa luz com que tão bem vivemos,
Que este Céu esmalta
E que agora nos falta....
Mas, afinal, nunca tivemos
Um Inverno assim..

O dia corre vagaroso e morno,
Nostalgico pesado e como que encoberto
Da fumarada expressa das fogueiras.
Olho desconsolado em torno,
E mal diviso, incerto,
O lendario esplendor das tardes brasileiras.

Não é a neve, a fina neve esthetica
Do inverno da Europa,
Tão branca, tão temida,
Que as plantações estraga e os caminhos ensopa ;
Não é a neve poetica,
Envelhecendo, ao mesmo tempo, o Caminho e a Vida.

Não é a neve a cair em frangalhos,
Embranquecendo a Vida e humedecendo a Terra
E que embuça de branco as alturas da Serra
E que pede agasalhos.

Não é a neve...
Lembra mais um tecido
Fino, pardo, leve,
Amarellando a luz, que lá alto moscarda...
É uma neblina parda,
Como um véo encardido.

Olho os ares revéis,
Olho a Terra, olho o Céu, que a neblina avassalla,
Impondo-lhe um aspecto inedito e bizarro...
E parece que vejo isso tudo atravez
Da fumarada expressa que espirala
Do fumo de um mão cigarro.

E continúa esta neblina,
Impertinente e fina,
Que encobre as curvas e os azues celestas
É entristece este ar que peza e abraza...

Mas, afinal, com um tempo destes
Nem dá vontade de sahir de casa.

DEZEMBRO

(A' Antonio Austregasil)

Dezembro é o mez da luz em gloria eterna,
Do Som, do Sol, da Cor em todos os matizes,
E que, feliz, toda a alegria extérna
Da Alma e da Vida dos que são felizes.

Embora o Sol caustique e tórre,
Quanta ventura á vida se derrama,
Quanto sabor de robustez e musculos..
E' lindo ver tombar em chamma,
Quando inflammado sobre a Terra escorre,
O benefico sangue dos Crepusculos.

Vão longe os ventos invernaes do Sul..
É Dezembro que em Luz e Sol todo se anima,
Abre por cima
Da verde solidão dos Campos e da Serra,
A illimitada solidão azul
Do lindo Céu da minha linda Terra.
Ah! Como é linda a minha Terra, quando,
Dezembro, lá no alto ardes
Na purpura de Sol de que te véstes!
E olhos em pasmo, francos, incontéstes,
Como que andamos todos exclamando :
— Que lindos dias e que lindas tardes! —
Se o Sol é forte e a Terra anda sedenta.
Se nem de manso o vento os ares corta
E se o calor que nos parece infindo,
Ás vezes, desalenta,
Que importa!
O Sol é forte, mas o dia é lindo!

Nessas horas alegres e bizarras,
Que lá vão passando,

Em que doce ventura a Alma se perde
Contemplando,
Um dia muito azul e um campo muito verde
E ambos cheios de Sol e cheios de Cigarras.

Para quem tem a Alma sombria
Da Magua envôlta no pesado véo,
Que sereno prazer humano e raro,
Não é — olhar o Céu
E contemplar o dia
Muito azul, muito loiro e muito claro !

Diante de um dia assim, cheio de Luz e Som,
Aberto para a Vida intensa,
Na mais franca e sonora alacridade,
A gente julga que este mundo é bom
E até se pensa
Na felicidade.

O CORCOVADO

Eu tenho um grande affecto
A esta velha montanha
De aggressivo aspecto...

Quando o rude Verão o Céu estanha
E, comburente,
No viver da Cidade abrasado se entranha,
Impiedosamente ;
Quando o calor aperta,
As arvores desgalha
E o Céu parece uma fomalha
Aberta ;

É por lá que eu me interno,
E me deixo ficar na convivencia honesta
E no consolo terno
Dessa vasta e aromal especie de floresta.

Tão bem se está lá em cima,
Immerso
Nessa vida quiéta,
Que a Alma simples de quem é Poeta,
Procura logo a valvula da Rima
Para a expansão do Verso.

E como é lindo aquillo...
Como corre tranquillo
O dia
No seio agreste dessa penedia.

Quanta sombra, quanta
Sombra calma,
O nosso olhar encanta
E nos socega a Alma !

É tão suave a sua claridade,
Tanto carinho encerra,
A gente ali tão bem se vê
E tão feliz se julga, que
Parece que se está bem longe da Cidade.
No trecho provincial de uma affastada Serra.

Ali a Vida é mansa,
O ar é puro e leve,
Por isso, para quem escreve,
O trabalho mental não abate nem cança.

Por mais quente que seja
A chamma que o calor sobre as tardes ateia,
Lá da barra vem sempre a viração que areja
Essa especie de aldeia.

Para alegrar o rumo das estradas,
Que no prazer das longas caminhadas,
Em pleno Sol de Março, alegre, se percorre,
Tem-se o aroma da flor, tem-se a polpa dos fructos
E a agua limpa que corre
Fresca e sonora pelos aqueductos.

Eu tenho um grande affecto
A esta velha montanha
De aggressivo aspectto
E de feição estranha.

Adoro-lhe a tranquillidade,
Sem impetos de Sol em rigoroso assomo,
Sempre calma, feliz, convidativa, como
Um trecho de Provincia á beira da Cidade.

ARVORES DA RUA

(Ao Dr. Abreu Fialho)

As Arvores da Rua
Têm
Uma estranha feição especial...
Como que de outro modo,
Com menos seiva, com menor denodo,
O Sol nellas actúa.
E não nos dão também
A fecunda impressão da força vegetal.

Vês ?
Têm a graça passiva de um enfeite,
Simples e inutil,
Ali plantado só para deleite
E goso futil
Do ponderado espirito burguez.

Arrumam-se em fileiras
E em distancia symetrica,
Para attender ás fórmulas corriqueiras
Da futilidade
Esthetica
Da vida commercial e interna da Cidade.

Seja a calma do Estio,
Com seu calor de inferno,
Seja a triste feição
Sentimental do Inverno,
São
Sempre da mesma côr e do mesmo feitio.

Movem-se apenas,
Cadenciadamente,
Se a aragem reverente,

Em tardes claras ou manhãs serenas,
Se emaranha e se esconde
No labirinto vegetal da fronde.

Não resistem, não lutam,
Deixam-se vencer e cahem,
Se, por acaso, em furias, as rajadas,
Em que, em alarma, os temporaes se esvaem,
As copas lhes destecem
E infrenes lhes disputam
O pedaço de terra das calçadas
Em que o bordado das raizes tecem.

A Arvore da Cidade
Não nasceu para lutas
Contra o rude rigor da rude natureza...
Ella é toda tristeza,
Ella é toda saudade
De ninhos e de fructas.

Se lá de longe e do alto,
O teu olhar contemplativo perdes
Sobre uma fila de arvores distantes,
Não parece que lá, tal a tristeza ambiente
E a triste impressão de Magua que se sente,
Não parece que lá, numa triste esperança,
Alinhado, descança,
De uma jornada longa e fatigante
Um longo exodo de immigrants verdes ?

No Campo a Arvore nasce
Livre, dominadora,
Ao sabor do terreno e da distancia,
Sem attender á civilisadora,
Falsa, fallace,
Imposição do luxo e da elegancia.

A Arvore do Campo, embora o olhar deleite,
Tem no seu todo uma expressão humana,
E não é só, como na vida urbana,
Simples motivo vegetal de enfeite.

A Arvore do Campo é a eterna revôlta,
Cuja força brutal o proprio chão machuca,
Desde que do amplo espaço, em liberdade, a prive;
Leva uma vida sôlta,
Livre cresce e vive
Tal como Deus a fez e a Terra a educa.

Tanto que se desfeito,
O temporal, na furia em que delira,
Pretende dominal-a á força bruta,
Reage, resiste e luta,
E no exaspero de um esforço incréo,
Atira
A blasphemia dos galhos para o Céu.

Sejam embora, uma inutilidade
As Arvores urbanas ;
Embora, a convenção o encanto
Lhes destrúa
Do pesado vigor das forças soberanas,
Entretanto,
Como ornamentam bem a vida da Cidade.
Como disfarçam bem a tristeza da Rua.

CIGARRAS

Abro a janella e espio...
Que magnifica tarde brasileira,
Toda mistura d'oiro, azul e jalde !
Vês ? É o Estio,
A fecunda estação que me ataranta...
E no verde de uma Arvore fronteira,
Já se installou e canta
A primeira Cigarra do arrabalde.

Nem uma nuvem pelo Céu desgarra
Para que não te prives,
Um momento siquer, desse seu lindo aspecto.

Tudo oiro e azul — no Céu, no Mar sem vélas —
— Oiro e azul — cores do teu affecto,
Mesmo porque sem ellas
Tu não cantas, Cigarra,
Cigarra, tu não vives.

Por esse tempo que o azul encobre
De um de névoas insipido agasalho,
Tempo que é máo para o trabalho,
Máo para o pobre,
Peior ainda para a planta e as méssees,
Porque, Cigarra, não nos appareces ?

Vens com o Sol, quando já longe fica,
Esquecida, por fim, a vida escura
Das invernadas que nos vem do sul...
Chegas para a fartura,
Quando ha por tudo orgia d'oiro e azul
É a limpidez do Céu nem uma nuvem barra...

Cigarra !
Como tu davas para moça rica !

Amas o luxo. E a vida que tu amas,
É a vida feliz de purpuras e chammas
D'aureos poentes...
Para viver do que precisas
É da fartura e do vigor do Estio.
Não te dás bem no frio,
Todo feito de cores indecisas,
E longas calmas de convalescentes.

Amas o Sol porque elle tira á vida
Toda idéa de maguas e miseria,
Toda a impressão de lutas e de lida
E só convida ao bem estar e á farra...

Cigarra !
Nunca has de ser uma senhora seria !

No emtanto,
Na uniformidade
Desse igual e eterno
Aspecto que se enlaça
De estação a estação, no centro da Cidade,
Sem a nota, siquer de um motivo sombrio,
Se não fosse o teu canto,
— Que é a tua desgraça —
Ninguém sabia quando chega o Inverno,
Ninguém ouvia quando passa o Estio.

E quando rijo o Sol mais rijo actúa
Sobre a Terra e o Espaço
E nos fatiga o olhar e o passo,
És tu, com a tua presença
E a intensa
Voz de metal das tuas cantorias,

Que chegas e annuncias
O Verão da Rua,
Essa linda estação
De luz, de côr, de sombra de Sol posto,
Em que, para quem trabalha,
A Rua é uma fomalha
Em que se amassa o pão
Com o suór do rosto.

E que nos curve, embora,
Ao dissabor infindo,
Ao guante do labor e ao tormento das garras
Do Sol, que a Terra d'oiro e luz colora,
Ainda assim... Como o Verão é lindo,
Só porque tem Cigarras.

Amas o Sol porque elle tira á Vida
Toda idéa de magua e de miseria,
Toda impressão de lutas e de lida
E só convida ao bem estar e á farra...

Cigarra !
Nunca has de ser uma senhora seria !

O FADO

Eu móro perto de uma vaccaria,
Cujo vaqueiro,
— Typo d'ilhéo sympathico e trigueiro
E de feição sadia —
Quando o bairro descança adormentado
É a saudade da terra ao coração lhe falla,
A Alma insular consóla e embala
Na dolencia nostalgica do Fado.

E sob um Céu sereno e lindo,
Sem luz de lua ou movimento de aza
Á cadencia que as trovas acalanta,
Da janella de casa,
Eu fico ouvindo
Os lindos fados que o vaqueiro canta.

São emoções de espirito modesto,
Talhadas á feição das trovas populares,
É a saudade natural e calma
Da terra que lá fica além dos mares,
E cujo triste sentimento honesto
A gente sente que vem mesmo d'Alma.
É sempre uma impressão serena e nova
Da Saudade que n'Alma sã delira,
Que ali anima e inspira
A musa anonyma da trova.

Não ha no Fado lagrimas que pezam,
Nem corações exhaustos que deliram ;
Ha labios de trigueiras que suspiram
E velhas boccas tremulas que rezam.

Na saudade latente que elle chora,
Na velada meiguice que elle encerra,

No que pede ou memora,
O fado lembra uma lã,
Que ao seu Deus e á sua terra,
A bocca limpa do camponio entôa.

É o Mar das ondas languidas da angra,
A lembrança longinqua dos locaes,
A faina livre da extensão do eirado
E a esthetica da vida de oiro dos trigaes.
É nisso tudo que a saudade sangra,
É tudo isso que entristece o Fado.

Assim, immerso,
Nessa emotiva e musical tristeza,
Que se evola
É monta
Do chôro provincial de uma viðla
E da feição ingenua do seu Verso,
O lindo Fado portuguez nos conta
Toda a historia da magua portugueza.

E como cresce e augmenta
A magua da distancia dessa vida,
Que os corações nostalgicos alenta,
Quando entoada em voz sentida
Pelo clamor de boccas forasteiras,
No velludo das noites brasileiras !

Sob este Céu tranquillo de Janeiro,
Sem luz de Lua ou movimento de Aza,
Á dolencia que as trevas acalanta,
Da janella de casa
Eu fico ouvindo os fados do vaqueiro...

E que lindos que são os Fados que elle canta.

DA PROVINCIA

Como isto aqui é suave !
Como a Provincia é calma !
A Vida provincial tem qualquer cousa da alma
Sentimental de uma ave !

O trabalho é normal como a alegria é sã,
Toda a gente daqui é, decerto, christã,
Sabe lendas e prece...
Mal o Sol amortece
O seu rigor de braza
E o seu giro fecundo illuminado encerra,
Cessa
A vida da Terra
E começa
A alegria da Casa.

Encosto-me á janella
E olho o dia lá fora...
É a hora
Triste, singela,
Mystica, dolente,
Calma, sentimental do suave Poente.

A luz tem o feitio
De cousa que se escombra
E se esgarça e destroça
E que resiste e berra ;
Emquanto,
Numa triste impressão de suave acalanto,
De leve e de macio,
O velludo da sombra
Levemente roça
A tristeza da Terra.

E como a Alma descança
Aqui, nesta mansão dolente e compassiva!
É como se nutrisse, eternamente viva,
A ventura sincera
De quem affaga e espera,
A honesta execução de uma velha Esperança.

Sob a leve pressão destes ares tranquillos,
Não se ouve, siquer, nem os ecos escapos
À cançada oppressão do labor da Cidade...
Tudo é calma
Nesta hora...
Apenas — dentro d'Alma,
Um rumor de Saudade,
E lá fóra
— A ronda policial e tremula dos grillos,
E o asthmatico rumor do canção dos sapos.

Venho da vida intensa,
Do desabuso do trabalho urbano,
Rude, constante, insano,
Causa de tanto dissabor e males....
Trago a Alma propensa
Ao refinado goso
Do salutar repouso,
Ingenuo e vegetal das Serras e dos Valles.

E trago para aqui, para este oxigenado,
Hygienico remanso,
De provincia nostalgica e sadia,
O meu justo desejo de descanço
E a minha endemica neurasthenia
De civilisado.

Trago tambem a vista fatigada
Da dura luz que na Cidade actúa,
E a roupa impregnada
Do pó malsão da Rua.

Venho para a largueza franca,
A ventura feliz da vida inscia
E a luz macia e branca,
Deste esquecido canto de Provincia.

Quero,
Submisso e sincero,
Ares balsamicos da Serra,
Que cheiraes bem, o cheiro bom da Terra !
Sentir-vos francos nos pulmões ! Sorver-vos
Em demorados haustos !
E esquecer urbanos faustos
E lá do Centro a diaria agitação infinda,
Que mesmo aqui, em mim, perdura ainda,
Na intensa vibração incommoda dos nervos.

E na larga expansão desta Luz, deste Céu,
Afugentar a Magua em que o Espirito entouco
E que a Vida me invade,
E curar um pouco,
Na ingenua habitação do ingenuo tabaréu,
O tyranico «spleen» dos homens da Cidade.

ETERNA

Intérmino que fosse o Caminho da Vida
E eterno o caminhar do nosso passo incerto,
Fosse na estrada larga ou fosse no deserto,
Sem lar, sem pão, sem paz, sem sol e sem guarida;

Intérmina que fosse a estrada percorrida
Sob o Céu todo azul ou de nuvens coberto
E o repouso fatal nunca estivesse perto
E a distancia final nunca fosse vencida;

E vencendo ao caminho as urzes e os escolhos,
As lutas, o pavor, o canção do dia,
A fraqueza do passo, a tristeza dos olhos;

Meu pobre coração nessa eterna anciedade,
Nesse eterno soffrer, eterno arrastaria
Esta triste, esta longa, esta eterna Saudade.

BALLADA DE UM TRISTE

Um dia
Eu te julguei da Vida a eterna realidade...

E eras apenas uma Phantasia
Meu lindo Sonho de Felicidade!

Tinhas tudo quanto o Amor em goso e viço,
Pode fazer da Vida um bem superno,
Por isso,
Eu te julguei eterno,
Resumindo na tua eternidade,
Tudo quanto de bom no mundo havia.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade!

Pelo curso normal de annos e de annos,
Foi-me esta Vida assim, sem mal, sem fraguas;
Pareciam tão longe os desenganos,
Tão longe os prantos e tão longe as maguas...
E assim é que eu vivia
Cheio de paz e de tranquillidade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade!

A calma de meu Lar a Desventura
Nunca ensombrara do mais tenue véo;
Pelas janellas largas da Ventura
Entrava a luz que nos mandava o Céu...
E lá por dentro ria
O palhaço da minha Mocidade...

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade!

Esta minh'Alma que hoje trilha
A tristeza de um longo desengano,
Vivia então, no grande encantamento
Do grande amor da minha linda Filha,
Toda cheia de vida, cheia de bondade,
Cheia de encanto, cheia de alegria...

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade!

Era um encanto para minha Vida
Essa meiga e lindissima Creança,
Que lá se foi, em flôres envolvida,
Para o termo final de uma Esperança,
Deixando est'Alma tanto mais vasia,
Quanto mais cheia de immortal Saudade.

E eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade!

Um dia
Eu te julguei da Vida a eterna realidade,
Tudo que ao Bem, tudo que á Paz conduz;
Nunca, nunca supuz
Que eras apenas uma Phantasia,
Meu lindo Sonho de Felicidade.

NATAL DA MAGUA

Faz annos hoje a minha Magua,
Que não se acalma e que não finda...
E de olhos rasos d'agua
Sinto-a afflictiva,
Detalhada e viva,
Como se fosse de outro dia ainda.

Fugiramos daqui, da vida intensa
E do ar pesado que a Cidade encerra,
Levando-a, crenes, em convalescença,
Para as alturas amplas de uma Serra.

Embora o lento desengano o fira,
Um coração de pae não desanima...
E a velha crença, que não morre ou cança,
Para minh'Alma soffredora abriira,
Lá em cima,
O derradeiro pouso da Esperança.

Pelo pesado curso da subida,
Que eu galgava,
A nova Terra esperançado olhava,
Como quem olha a Terra Promettida.

Lá em cima renascia
Com a nossa Esperança, o riso della.
Convalescia...
Acabara, por fim, o horror das crises
E toda aquella
Odysséa de Dor que vinhamos chorando.

Foi quando
Começamos de novo a ser felizes.

A Dor fugiu do meu viver tristonho
E o Sonho
Volveu, mais uma vez, alegre e alado,
A cantar no beiral do meu telhado.

Parecia mesmo que o Destino
Cedera,
Deixando-nos em paz, cheios de enganoso.

A nossa Graça tinha então, tres annos
E era
Loira como um trigal e alegre como um hymno.

Todo aquelle verão que nós passamos
No convívio do Céu e da Floresta,
Sob a amistosa protecção dos Ramos,
Foi todo elle de consólo e festa.

Quando subi, como me foi ligeiro
O pesado caminho da subida!..,
O rubro Sol honesto de Janeiro
Andava a alacrisar a Terra e a Vida.

Por fim, como a sentissemos robusta
E renascida a antiga alacridade,
Descemos a montanha augusta,
Voltamos á Cidade.

Não sei porque, mas pareceu-me eterno
O suave caminho da descida.

O Inverno andava entristecendo a Terra e a Vida.

Trouxemol-a julgando
Que se sentisse inteiramente bôa...

Foi, justamente, quando
Veio a febre e levou-a.

Atróz, feroz, impávido, o Destino
Volvera
De novo, contra nós, seus olhos deshumanos...

A nossa Graça tinha, então, tres annos
E era
Loira como um trigo e alegre como um hymno.

SAUDADE

Bateu-me á porta um dia...
Ingenuo, hospitaleiro,
Abri-a ;
Dei-lhe o melhor do meu viver caseiro.

Guardo commigo
Esta indelevel impressão ainda,
Que ao tempo, á luta, impavida resiste.
Dei-lhe do meu abrigo
Por tel-a achado linda,
Com qualquer cousa de infeliz e triste.

As tristezas da Vida, deplorando,
Vinha, talvez, de espinhos e de abrolhos,
De caminhos, emfim, que vêm da Magua ;
Trazia os pés sangrando,
Os olhos razos d'agua
E tristezas de tísica nos olhos...

Decerto,
Era a primeira vez que a via assim tão perto,
Pois até então,
Nas alegrias, no feitio disperso
Da minha, de rapaz, bohemia vida,
Nunca achara guarida
Nem no meu coração
Nem no meu Verso.

Diziam, creio para endeosal-a,
Que ao seu riso subtil ninguem resiste
E eu ouvia fallar, ás vezes, della,
Como quem falla
De uma loira mulher honesta e bella,
Mas infeliz e triste.

Eu sabia tambem que antigamente,
Servira de thema obrigatorio,
Ridiculo, illusorio,
As endeixas e canticos
Dos Poetas romanticos.
E não me lembro agora
Quem me disse um dia,
Numa expressão de Magua e de Dolora,
Que por onde ella andasse, andava o Pranto.

Entretanto,
Eu, felizmente, não a conhecia.

Bateu-me á porta um dia...
Ingenuo, hospitaleiro,
Abri-a...
Dei-lhe o melhor do meu viver caseiro.

E hoje soffro e pago ainda
O castigo de haver-a achado linda.

Desde então,
Ando no seu Olhar, na sua Vida immerso...

Asylou-se de vez neste meu Coração,
Nunca mais me deixou a cadencia do Verso...

SUAVE CAMINHO

Assim... Ambos assim, no mesmo passo,
Iremos percorrendo a mesma estrada ;
Tu — no meu braço tremulo amparada,
Eu — amparado no teu lindo braço.

Ligados neste arrimo, embora escasso,
Venceremos as urzes da jornada...
E tu — te sentirás menos cansada
E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos,
Que para mim o teu carinho trouxe,
Placidamente pela Vida iremos,

Calcando maguas, afastando espinhos,
Como se a escarpa desta Vida fosse
O mais suave de todos os caminhos.

INTIMO

A bôa vida é esta :
O socêgo normal deste meu quarto
Em luz e paz immerso,
Onde as horas reparto
Entre o — do ganha pão — rude trabalho
E o Culto do meu Verso,
Que me dá e atesta
A certeza orgulhosa do que valho.

E numa esphera assim, clara e discreta,
Que um bem estar pacífico resuma,
Ter, como eu tenho, quando leio e escrevo,
O suave enlevo
De uma
Doce figura feminina e casta
Que, alegremente e carinhosa, arrasta
A vida heroica de mulher de Poeta.

Não que o Poeta seja um máo, um triste
Merecedor de insultos e de apôdos,
De odio e menoscabo...
Nelle, ao contrario, só doçura existe,
Mas, pôrque é um pobre diabo
Que soffre mais que todos.

Vive a sonhar cousas suaves,
Venturas, illusões, pôres-de-sol e aves,
Tudo atravez de uma visão bizarra,
Tudo atravez de uma impressão amiga...

É a eterna Cigarra
Obrigada a fingir que é a eterna Formiga.

Sonha... E o Sonho para a vida emphatica
De agora
Attinge ás proporções de um crime ou de um peccado...
Ter illusões, coitado!
Quando a gloria é sentir que sobre nós se escóra
Todo o peso burguez da vida pratica.

É por isso que o Poeta arrasta a funda
Sorte penosa dos incomprehendidos...
Pois apurou demais os seus cinco sentidos
Para ver e sentir a vida que o circumda.

Este é seu rumo, este é seu fim,
Nem que tente evitar, não pode ou sabe...
Mas que culpa lhe cabe
Se elle, coitado, já nasceu assim ?

Se não merece apôdos
Nem odio ou menoscabo...
Para este tempo que a visão lhe acanha,
Ha de ser sempre uma figura extranha,
Um pobre diabo
Que soffre mais que todos.

VERSOS DE AMOR

Eu chegara disposto
A descrever em versos dolorosos,
Descrentes, agudos e nervosos,
Não sei mesmo que magua ou que desgosto.

O dia me corra lento e falho,
Sem recompensa de fartura e de ocios...
Qualquer cousa de máo nos meus negocios,
Ou, quem sabe, tambem, excesso de trabalho.

Não sei porque, mas nesse dia,
Soffrendo a dura e resistente carga
Da pesada impressão perene e varia,
Que extravasa
Das multiplas feições da agitação diaria,
Eu sentia
A Alma cheia de fel, pontuda e amarga.

Embora aparentasse uma forçada calma
E um todo contrafeito
E buscasse esconder nos intimos recessos
O penoso effeito
Dos contratempos e dos insuccessos,

Tu percebeste logo o meu estado d'Alma.

E meiga e salutar
E cheia de carinho,
Com um conforto honesto e mudo
Ao dissabor que eu reputava grave,
Tu me envolveste do lençol de linho
Do teu olhar
Suave...

E eu me esqueci de tudo.

Voltou a vida a ser mais mansa
E menos máo o homem,
Mais solida a Esperança
E os dias sem os males que o consomem.

Meus velhos sonhos no teu sonho immerso,
Eu me deixei ficar
Dentro do teu olhar
A compor estes versos.

O Amor nunca me foi um thema predilecto
(Bem entendido
O Amor vulgar e facil das mulheres,
Tal qual é dos mais visto e sentido).
O Verso deve ter mais distinctos misteres
E reflectir melhor a ventura do Affecto.

É assim que eu penso, tanto
Que eu no Verso rimo e canto,
A Arvore, o Mar, a Cigarra e a Dor ;
Cousas reaes da Vida
E essa ventura irreal em Sonhos suggerida,
Não tenho, propriamente, um só Verso de Amor.

E como prova que melhor resuma
Este meu,
Talves, extranho modo de sentir
E de assim me exprimir,
Basta que saibas que eu
Nunca fiz Versos a mulher nenhuma.

Faço-os a Ti, querida!
Mas não para rimar teu beijo e teus olhares
Na cadencia banal de trovas e cantares,
Nem tecer ao Amor hymnos de espalhafato...
Faço-os a Ti, porque sou grato
Ao muito que por mim Tu tens feito na Vida.

Eu bem sei que Tu tens aspecto principesco
E o sangue forte e são d'ascendente tedesco,
Riso cantante e claro
E cheios de vigor e de um alento raro
Olhos de fazer bem...
Mas isto.... as outras também Têm.

Estas cousas, porém, são aspectos que influem
De uma forma banal estreita e antiga,
No feitio exterior e vulgar da expressão...
No entanto, minha doce amiga,
O que ellas não possuem
É o teu coração.

Faço-os a Ti, que me ensinas
A vencer impecilhos,
A desprezar invejas e mofinas
E de novo a sonhar calmos sonhos dispersos ;
Que te deixas ficar, Anjo do Bom Augurio !
Na doce paz do meu pobre Tugurio,
A ler meus Versos
E a educar meus Filhos.

Faço-os a Ti, Alma da minha gêmea !
Que na mesma Esperança, entre risos se abraça,
Que me foste buscar na estroinice bohemia
É inutil vadiar,
E me ensinaste a amar
A Vida e a Casa.

Faço-os a Ti... Faço sem apparato,
Tangendo do carinho a nota mais sentida,
Para immortalisar no meu Verso sincero,
Todo o bem que te quero
E o quanto sou grato
Ao muito que por mim Tu tens feito na Vida.

LIA E LUZIA

(CIGARRAS DO MEU OUTOMNO)

Ha quanto tempo já se foi o Estio
Com sua luz e suas algazarras;
No entanto,
Ninguém dirá que já vem perto o Frio,
Pois, por capricho ou por encanto,
Na Arvore fronteira
À modestia feliz da minha Casa,
Duas lindas Cigarras
Cantam a tarde inteira.

Mas.... São mesmo Cigarras que ouço agora
Neste suave esplendor do fim do dia?
Ou — quem sabe? — se Lia e se Luzia
Ainda andam lá fóra?

No pequeno recanto em que trabalho
E passo o dia,
Esquecido do mundo rude e falho
E ao goso do meu Verso me abandono,
Ponho-me a ouvir os risos e algazarras
De Lia e de Luzia
— Duas lindas Cigarras
Que vivem a cantar no meu Outomno —

E a ouvil-as, alegre me concentro...
São ellas mesmo que eu escuto agora?
Ou — quem sabe? — metteram-se cá dentro
As vadias Cigarras lá de fóra?

O CORVO E A RAPOSA

O Corvo
É uma ave
Funebre, antipathica,
De olhar inexpressivo e torvo...
É grave, conselheiral e apatica.

Os seus grasnos metallicos, soturnos,
Augmentam mais esta feição insulsa ;
E pousando ou voando,
Vae por tudo deixando
Esta triste feição de agouro ou de repulsa,
Que é a unica impressão dos passaros nocturnos.

O Corvo, portanto,
Devia ser um typo serio,
Um exemplo, talvez, de honestidade,
Pois é assim desde a mais tenra idade.
Entretanto,
(E quem não tem na vida,
Um dia, ao menos, uma descahida ?)
Um dia, aproveitando um ensejo,
Deixou de lado o seu feitio funereo
E furtou mesmo um queijo.

Achou graça, talvez, naquella tropelia,
Elle — que para a troça era incapaz e falho,
Elle — que parecia um typo serio e rico,
E satisfeito dessa zombaria,
Com o queijo no bico,
Foi pousar num galho.

Dona Raposa
É uma senhora esperta,
O minimo rumor, a menor cousa,

Não escapam jamais ao seu olhar alerta.
Achou grotesco
Que o nullo e fofo Conselheiro Corvo,
Com seu aspecto funeral e torvo,
A sua fama de usurario e rico
E muito pouco amigo do trabalho,
Alli estivesse sobre aquelle galho,
Com o queijo no bico.

Era, decerto, um caso pittoresco,
E resolveu então, buscar o ensejo
E o meio facil de roubar-lhe o queijo.

Sabia
Por dogmas de unanime consenso,
Que todo o typo assim, era propenso
A lisonja e á vaidade...
Então valeu-se da galanteria
E da sagacidade.

Louvou-lhe o temporal das pennas,
Tristemente escuras,
Do olhar intelligente a luz e a calma,
O espirito preclaro, a ampla bondade d'alma,
Do vôo largo as largas e serenas
Envergaduras.

Por fim, depois de tanto
Falso elogio e phrase linda,
Elogiou-lhe ainda
«A musica buccolica do canto».
«Havia nella um mixto extraordinario
De cores e metaes,
Um pouco da alma triste do canario,
Um pouco da alma alegre dos pardaes».

(Está bem visto,
Que o Corvo nunca teve nada disto).

E o passaro sombrio,
Que embevecido e flacido escutava,
Esse debique em forma de elogio,
Ingenuo como um tico-tico,
Quiz á Raposa dar um bello ensejo
De ouvir as lindas cousas que cantava.

Abriu o bico
E lá se foi o queijo...

Com o queijo na bocca
— Premio final da esperta zombaria —
Foi-se a Raposa numa fuga louca...

Se outra cousa, decerto, não queria!...

Felizmente, na vida, é a mesma cousa...
Para a vaidade classica do Corvo,
Existe sempre o necessario estorvo
Da lendaria esperteza da Rapoza,

A BILHA DE LEITE

Chamava-se Germana,
A linda filha do rendeiro honesto,
De bocca em rosa, de passinho lesto,
De olhos que o mal não véla ou empana.

Germana estava no vigor da idade,
Em que por tudo anda a alegria,
Tudo nos canta bem e nos distrae,
Tudo é motivo de felicidade...
No entanto, todo o santo dia,
Andava a pobre numa dobadoura,
Pois era ella que ajudava o pae
No penoso trabalho da lavoura.

Assim mesmo vivia satisfeita,
No olhar a mesma luz serena e doce,
O mesmo aspecto intrepido e sadio,
Fosse
Nos exhaustivos tempos do plantio
Ou nas farturas calmas da colheita.

Mas, apezar daquella vida rude,
Daquelle Sol e daquella paysagem,
Toda feita de luz e de saude,
Sonhava e tinha
A perfeita visão de um dia mais risonho...
E muita vez este seu pobre sonho
Mal se continha
Nas humildades intimas da choça
Ou nos habitos rusticos da roça.

Um dia
Simples e tranquilla,
Como quem a um dever se cinja e obedeça,

Como sempre fazia,
Poz a bilha de leite na cabeça
E foi vendel-a á villa.

Durante todo o rumo do trajecto,
A longa estrada larga palmilhando,
Sob o Céu todo azul e todo alacridade,
Calma e sosinha,
Com que doce affecto,
Germana vinha
Alimentando
Seu doce sonho de felicidade!

Com que volupia e extranha maravilha,
Dessas que a Alma poucas vezes prova
E com ellas, talvez, pouco se ageite,
Fundava as bases de uma vida nova
E de um futuro que já via perto,
No alicerce incerto
De uma bilha de leite !

E nesse sonho placido e tranquillo,
Pensava :
«A bilha vendo... Compro isto e aquillo»
O dinheiro juntava
E vendia de novo e de novo comprava...

Terras e gado,
Casa e lavoura,
Tudo havia crescido e augmentado
Nessa linda visão consoladora.

Via-se rica, farta de dinheiro,
De todo o bem que a Vida melhorasse...
E se continuasse
No doce enlevo deste sonho louco,
Em pouco
Seria dona deste mundo inteiro.

De repente,
Já no melhor de seus anhelos,
Quando lhe parecia justamente,
Que a vida já não tinha pontos fracos
E seu sonho de novo rememora,
Em uma pedra, a caminhar, tropeça....

Cae a bilha de leite da cabeça
E faz-se em cacos...

E agora ?
Nem bilha, nem leite... nem castellos.

No rumo ao Sonho, a que a Visão te impelle,
Em cuja estrada medra
A fugaz Ilusão que teu olhar te empana,
E a tua alma inquiéta,
A tua vida é assim, Poeta !

Uma bilha de leite, um'Alma de Germana,
Um caminho vulgar... E sempre nelle
O eterno trambolho de uma pedra.

A CIGARRA E A FORMIGA

Dona Formiga

Pertence á classe das senhoras serias,
Tem cuidado de casa e de alimento ;
Não falla muito, muito pouco briga,
Tudo o que faz é com discernimento
E, emfim, não gosta de passar miserias.

Além de tudo, é de ambições modestas,
Todo o seu bem no seu labor converte
E faz da vida idéas exquisitas...
Não faz visitas
E não se diverte...
Nunca se viu Dona Formiga em festas.

De tanto se occupar da vida e do futuro
E tornar o labor mais serio e duro,
Chega a ficar grotesca e comica ;
Pois mesmo assim, nos amplos e massudos
Livros moraes de exemplos e de estudos,
Com que da infancia o estimulo se apura,
Ella figura
Como um solido exemplo de economica.

Trabalha muito no pesado Estio,
Porque receia
Que o Inverno venha achal-a desprovida.
Por isso, quando chega o Frio
E cessa a lida,
Já ella está com a dispensa cheia.

Dona Cigarra — esta, coitada !
Não vale nada
Entre as pessoas serias !
É a pobre infeliz que dá lições de canto

E que o Verão inunda
Da sua Alma de estroina e vagabunda...
Entretanto,
Dona Cigarra, eu sei, passa miserias.

Não tem a minima noção exacta
De arranjos economicos de casas,
A propria fama, ás vezes, malbarata...
A fartura que augmente ou diminua,
Que a considere o mundo inepta, incapaz,
Diga que a vida que ella segue é torta,
Pouco se importa.
O que ella quer é o Sol e a Rua,
Porque ella não é mais
Do que um Garoto de azas.

É da bohemia a mais perfeita imagem,
Adora a luz e mora na folhagem...
E tal a Vida é e tal a acceita,
Sempre de sonhos e illusões repleta...

Dona Cigarra até parece feita
Da propria massa de que é feito o Poeta !

Passa o Verão... E o véo do Estio
O tempo sobre o Céu e a Terra corre,
Torna-se a Vida mais penosa e seria...
Dona Cigarra não resiste ao frio
E, coitadinha, morre
E morre quasi sempre na miseria.

Contam que um dia,
Morta do Sol a limpida alegria,
Sem luz para cantar,
Como fizera no Verão inteiro,
Fôra á Formiga, em prantos, implorar,
Um pedaço de pão do seu celeiro...

Como a Formiga então, lhe perguntasse
Onde se achava
E o que fizera na estação passada,
Honestamente, disse que cantava...
Pois a malvada,
Sem dó da misera mendiga,
Quasi morta de fome e já sem voz,
Numa ironia deshumana e atroz,
Mandou que ella dançasse...

Por isso, é que eu não gosto da Formiga.

PARADA

Planto aqui este marco,
Venço mais esta etapa
Do difícil caminho íngreme e parco,
Que a Vida,
Na sua eterna lida,
A nossos pés cava e solapa.

Deixando o passo caminhar a esmo,
Vim por atalho agreste
De terreno maninho
E de agressiva encenação sylvestre ;
Por isso, não sei mesmo
Se já cheguei ao meio do caminho...

Nem sei também quanto já tenho
Andado,
Nessa linda missão em que o Verso me leva,
De cantar para a luz e fugir para a treva,
De parecer á Gloria, ás Illusões votado
E não passar de um monge...

Sei apenas que venho
Lá de baixo e de longe.

Quando eu parti, brilhava o dia,
Havia luz de Sol e de Alegria
E a fecunda impressão da Primavera....
Era
No tempo em que a emoção se sente com descaso,
Sem lhe temer, siquer, o terror do abandono.

Andei muito, talvez, pois aqui onde chego.
Sinto na luz o suave aconchego
Do Ocaso....

E deve ser Outomno....

Parti, a Alma florida
Do bando de Illusões de que ainda disponho
— Herança que ficou de fartura remota —
E vim, sem rumo ou róta,
Ao léo do Sonho
E á mercê da Vida.

Paro, por fim, aqui nesta especie de oásis,
Cujas sombras fallazes,
Eu agora, feliz, tanto acarinho e louvo,
E nellas o meu Sonho, enternecido, entouco...
Paro e descanço um pouco,
Para erguer-me depois e caminhar de novo...

Com que extranho desvelo,
Pensei erguer então neste lindo planalto,
Por onde agora a passo lento avanço,
A augusta magestade
Da perpetua Illusão de um eterno Castello,
De onde, orgulhoso,
Eu ouvisse o meu Verso elevado bem alto.

Mas... Ergo apenas á realidade
De um modesto pouso
De Parada e Descanço.

Aqui chego... E depois daquelle esforço todo
E do longo percurso, audazmente, vencido,
De que bem
É que me orgulhe e gabe,
Fico assim como quem,
Pensando então que finda
A pena de um exodo,
Olha cançadamente o rumo percorrido
E não sabe,
Quanto lhe falta caminhar ainda.

Quando eu partir de novo
Para a nova conquista
De novo oásis ensombrado e côvo,
Onde possa pousar a ventura dos meus
Velhos Sonhos de Artista,
— Mercê de Deus —
Hei de levar ainda a minh'Alma florida
Do bando de Illusões de que ainda disponho
— Herança que ficou de fartura remota. —

E novamente irei, sem rumo ou rota,
Ao léo do Sonho
E á mercê da Vida.

Acabado de imprimir aos vinte e
dois dias do mez de Outubro do anno
mil novecentos e doze, nas Offi-
cinhas de FOM-FOM, na
Assemblea n. 62. Rio de Ja-







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).